

Página Inicial

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos

Artigos de IC

Blog

Reflexões sobre o ensino de línguas

Resenhas

Textos Literários

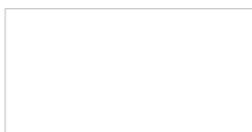
Edições Anteriores

Junte-se a nossa lista de e-mails!

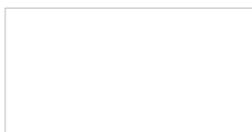
Email Address

Subscribe

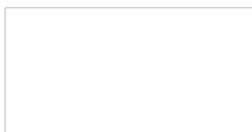
Veja também:



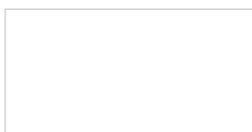
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

A TEORIA VARIACIONISTA: MANUTENÇÃO VERSUS APAGAMENTO DO “R” FINAL NA CAPITAL MACAPÁ/AP

Greize Alves da Silva-Poreli^[1]

PRELIMINARES

Em decorrência da extensão territorial do Brasil, várias são as possibilidades de realização dos fonemas, dadas as diferenciações dialetais ocorridas em todo território. Segundo Câmara Jr.:

Uma diferenciação dialetal explica-se, sempre, em partes pela história cultura e política e pelos movimentos de população, e, de outra parte, pelas próprias forças centrífugas da linguagem humana, que tendem a cristalizar as variações e criar dialeção em qualquer território relativamente amplo e na medida direta do maior ou do menor isolamento das áreas regionais em referência ao centro lingüístico irradiador (CAMARA JR, 1985, p. 11).

Um dos fonemas que mais oferece realização é o rótico em posição final de vocábulo, pois, o /R/ nessa posição está mais propenso a variações (OLIVEIRA, 2001, p.2). Suas principais realizações podem ser: fricativa velar [x], a fricativa glotal [h], a vibrante simples [r], a vibrante múltipla [r̃], o retroflexo e o zero fonético [ø].

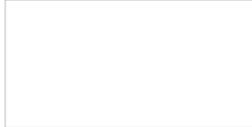
Para o presente estudo trabalhou-se com a fricativa velar e o zero fonético/apagamento em final de vocábulo nos dados fonéticos da capital Macapá – AP, coletados pelo Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - BR^[2]. Utilizou-se o programa quantitativo GOLDFARB para análise da presença ou ausência do /R/ em final de palavra.

Inicialmente, apresenta-se um breve histórico da capital Macapá. Em um segundo momento, relata-se a discussão bibliográfica sobre o fenômeno do zero fonético para, posteriormente, apresentarem-se as análises e descrições do *corpus*. Por último são fornecidas as considerações finais a respeito do tema abordado.

BREVE RELATO HISTÓRICO

A história da capital Macapá está atrelada à própria defesa do Brasil Colônia em relação aos estrangeiros. João de Abreu Castelo Branco percebendo a fragilidade das terras pertencentes à província de Grão Pará e Maranhão solicitou ao rei providências. A resposta do Rei chegou em meados de 1740 autorizando a construção de um forte na região. O forte foi construído às margens do Rio Amazonas entre os anos de 1764 e 1784 (RODRIGUES [s/d].

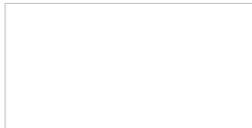
Mais tarde, com a Política Pombalina, Macapá recebeu núcleo açoriano, cerca de 50 casais, com a finalidade de povoar a região (DIÈGUES JUNIOR, 1960). Elevada à categoria de vila em 1758 e sua conseqüente emancipação política despertou a cobiça dos



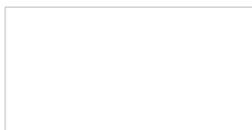
Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



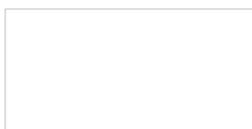
Dicionário de Termos Lingüísticos



Domínio Público



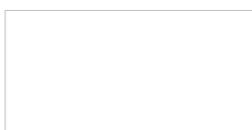
GEScom



GETerm



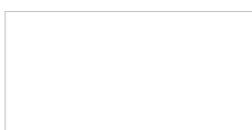
iLteC



Institut Ferdinand de Saussure



Letr[a]s.etc.br



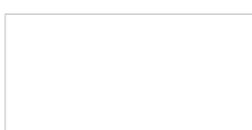
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

estrangeiros que ameaçavam invadir as terras: holandeses, ingleses e franceses.

Em 1790, foi realizado o primeiro Censo de Macapá, que somou 2.532 pessoas. Durante 29 anos após o primeiro Censo a população continuou estável, aumentando apenas 18 habitantes.

O núcleo açoriano em Macapá

A partir da política de expansão do então Rei D. José e do ministro real Marques de Pombal, inicia-se um movimento de colonização das terras do norte (Amazônia Setentrional) e sul brasileiras com a finalidade de povoar o Novo Mundo e proteger suas posses da invasão holandesa, francesa e inglesa.

Provenientes das Ilhas dos Açores, situada em território insular português, os açorianos vieram para o Brasil entre 1730 e 1750. Devido a diferença climática entre Brasil e Portugal os casais açorianos tiveram grande dificuldade de adaptação ao clima tropical o que dificultou a prosperidade da região (RODRIGUES, [s/d]).

ASPECTOS TEÓRICOS

Segundo Aguilera (2008), o /R/ em coda silábica é o fonema que apresenta maior variação no português brasileiro dada a extensão territorial e dialetal do país. As variantes para os róticos podem apresentar-se sob as formas de: tepe, vibrante, fricativa velar surda e sonora, fricativa glotal e sonora, retroflexo ou mesmo o seu apagamento em final de sílaba.

Entretanto, para o presente estudo trabalhou-se com os dados da capital Macapá, cuja predominância é da fricativa velar /X/. Bisol (1999) cita que as realizações vulares e velares “datam do fim do século passado e têm se estendido por diversas áreas brasileiras”. Viana (apud, OLIVEIRA, 2001), a respeito da velar, relata que a manutenção da vibrante ou o seu apagamento não está atrelado às classes sociais, mas a uma tendência da própria língua:

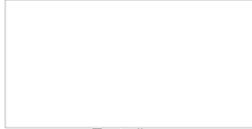
a velar é uma realização que está se estabelecendo em posição medial e em final de palavra quando da manutenção da vibrante, bem como o apagamento da variável (r), independentemente de classe social, ou grau de escolaridade, pois, mesmo na língua culta se verifica o fenômeno.

Em trabalho sobre o tema, Votre (1978, p. 37) expõe que o apagamento da vibrante não é prerrogativa dos dias atuais, pois ainda no século XVI na fala dos negros, atestada pela escola vicentina, já podia notar-se a ausência do /R/ em final de palavra. Já no Brasil, o fenômeno foi registrado ainda no século XIX e censurada pelos gramáticos (TEYSSIER, 1997).

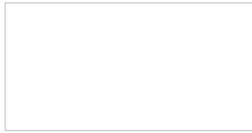
Segundo Callou, Moraes e Leite (1998) a queda do rótico final nos dias atuais ocorre em todo o Brasil, principalmente quando o contexto são verbos no infinitivo: trabalhar, rasgar, encontrar, etc (QUESTIONÁRIOS, 2001). Ainda sobre os róticos em final de palavras, são oportunas as palavras de Amadeu Amaral que também atesta que a classe dos verbos é a mais atingida pela queda da vibrante (1920, 1976, p. 52):

O r cai, quando final de palavra: andá, muipe, esquecê, subi, vapô, Artú. Conserva-se, entretanto, geralmente em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influído nisso a posição proclítica habitual: dor, cor, par. Conserva-se também o monossílabo átono por, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: amor, suor. Nos verbos ainda que monossílabos, cai sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: vê, vi, pô (1920, 1976, p. 52).

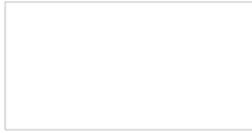
Callou, Moraes e Leite (1998) e Amaral (1920; 1976) corroboram com Aguilera (2008) quando a autora afirma que “Há tendência para omitir o r final, especialmente dos verbos, e acentuar a vogal precedente; por exemplo: convidá ao invés de convidar, família ao invés de familiar”, a classe dos verbos tende a suprimir o /R/ final.



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

METODOLOGIA

Para o presente estudo utilizou-se a sociolinguística quantitativa laboviana, uma vez que “a variação não é livre: ela é determinada por fatores extralingüísticos e intralingüísticos de forma predizível” (CALLOU, 1979, p.30).

O corpus do trabalho constitui-se dos dados coletados pelo Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – SP na capital Macapá junto a oito informantes, divididos no seguinte perfil: ambos os sexos, duas faixas etárias distintas (18 a 30; 50 a 65 anos), ser nascido na localidade e com os pais também nativos; quatro informantes com até o ensino fundamental e quatro com o ensino superior completo..

A decodificação dos dados foi realizada de acordo com a transcrição dos 49 itens fonéticos, perfazendo um total de 212 realizações analisadas pelo pacote GOLDVARB em rodadas binominais. Os dados são apresentados em formas de gráficos com porcentagem para melhor visualização e compreensão.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste tópico são apresentadas as análises da presença ou ausência do /R/ em final de palavra e suas respectivas distribuições pelas quatro variáveis: diassexual, diageracional, diastrática e classes gramaticais (verbos e substantivos).

GRÁFICO I: VARIÁVEL DIASSEXUAL

A primeira análise refere-se à manutenção versus apagamento da vibrante em final de palavra atrelada ao gênero/sexo. Os dados demonstram que 86% dos homens e 83% das mulheres utilizam o /R/ final. Em contrapartida, 13% dos homens e 16% das mulheres apagam a vibrante.

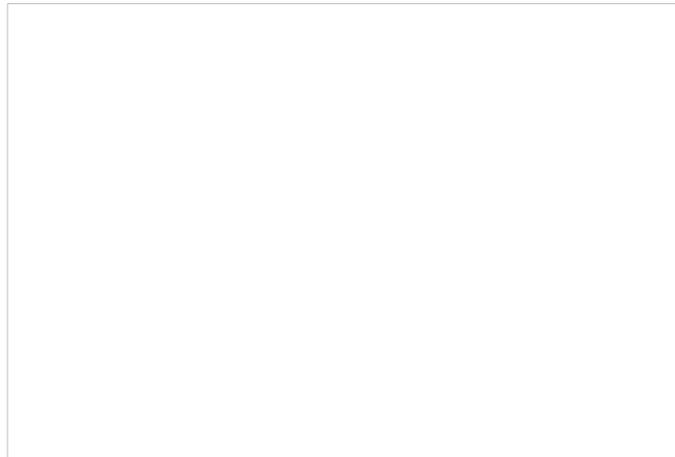


Figura 1: Variável Diassexual

Pode-se perceber que a variação diassexual não obteve dados significativos, embora a queda do /R/ apresente-se nas mulheres com ligeira predominância. Todavia, os dados trabalhados para este artigo foram, para esse tipo de análise, pequenos para o apontamento de manutenções ou inovação dos falares atrelados ao fator sexo/gênero.

Os dados de Monaretto (2002, p. 265) descrevem as mulheres como as que mais apagam a vibrante (0,58 versus 0,40). Embora muitas pesquisas cite as mulheres como detentoras de um falar mais formalizado, Labov (2001, p. 283) cita que “dependendo do estágio da mudança, o comportamento do sexo feminino é controverso”, pois, “em situações de uso de formas prescritas, a mulher conforma-se mais em seu uso do que os homens, mas quando essas formas não se enquadram nessa situação, a mulher mostra-se em geral inovadora” (apud MONARETTO, 2002, p. 265)

GRÁFICO II: VARIÁVEL DIAGERACIONAL

O fator idade representou como significativo no apagamento do rótico. Pode-se notar que os idosos tendem a manter o /R/ final (90%) enquanto os jovens mantêm em 79% dos casos. Já ausência do /R/ pode ser notada em 20% dos jovens contra 9% dos idosos.



Figura 2: Variável Diageracional

Monaretto (2002, p. 262) em estudo sobre o tema, comparou amostras coletadas nas décadas de 70, 90 e final de 90 em relação ao apagamento da vibrante e constatou que na primeira década analisada os informantes nas três faixas etárias mantinham quase o mesmo padrão de apagamento. No entanto, os dados levantados do final da década de 90 demonstraram significativa diferença, uma vez que os jovens apresentaram-se como os que mais apagam o /R/.

Tal fator, em concordância com Monaretto (2002) e com os dados aqui apresentados, pode representar que o apagamento da vibrante em posição final está em processo de implementação, uma vez que os jovens são os que mais utilizam. Porém, Labov aponta que o fato dos jovens apagarem mais a vibrante pode representar apenas um padrão de gradação etária ou invés de uma mudança em curso (1994 apud MONARETTO, 2002).

GRÁFICO III: VARIÁVEL DIASTRÁTICA

Em relação ao nível escolar, pode-se notar que há predominância nos informantes de ensino fundamental em apagar o /R/ final: 22% contra 6% dos superiores.

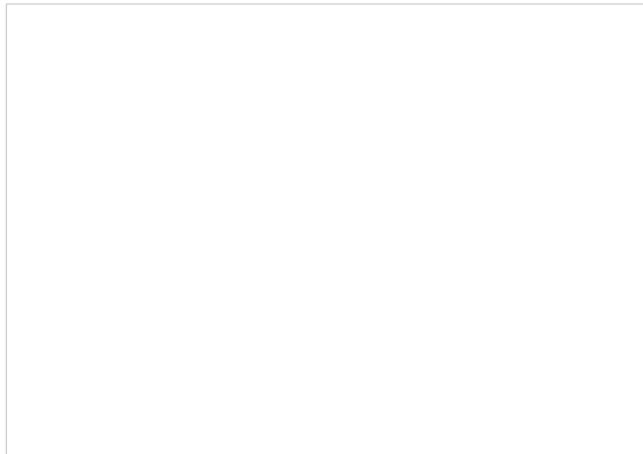


Figura 3: Variável Diastrática

Conforme Oliveira (OLIVEIRA, 2001) a queda /R/ ainda guarda relação com a escolaridade. Em sua pesquisa utilizando dados do NURC, a autora verificou que os informantes que mantêm a vibrante são os escolarizados, pois ainda há um contexto de formalidade nas entrevistas.

GRÁFICO IV: SUBSTANTIVOS E VERBOS

Em concordância com Aguilera (2008), Amaral (1920; 1976), Callou, Moraes e Leite (1998) pode-se perceber que as classes dos verbos é a mais atingida pela queda do /R/: 39% contra 4% dos substantivos.



Figura 4: Substantivos e Verbos

Monaretto (2002, p. 261) em seu trabalho sobre a vibrante Pós Vocálica em Porto Alegre também descreve que a perda do /R/ é mais comuns em verbos. A autora ainda atrela esse fato aos infinitivos e a primeira e terceira pessoa do futuro do subjuntivo serem marcados pela tonicidade e presença do r-final.

Em contrapartida, Monaretto (2002, p. 261) descreve que a queda do /R/ é mais difícil em substantivos uma vez que os róticos finais não são morfemas, dessa forma, mantêm-se preservados.

CONCLUSÕES

Os dados permitem tecer algumas considerações.

Embora os dados aqui analisados sejam de pequena proporção, as mulheres mostraram-se mais inovadoras em relação ao apagamento do rótico, corroborando com pesquisas do gênero que sugerem que apesar do sexo feminino ser mais atento às normas padrão da língua elas tendem a inovar mais do que os homens

As pesquisas demonstram que o apagamento do /R/ final não é prerrogativa dos mais idosos, uma vez que a maior queda foi verificada nos jovens. Tal fator pode configurar como uma inovação em processo de implementação na língua. Todavia, como bem adverte Labov, tal fato pode apenas tratar-se de uma gradação etária, ou seja um fator que se repete a cada geração. São necessários estudos mais aprofundados sobre a temática.

A variável diástrativa apresentou dados significativos atrelando o apagamento do rótico às camadas menos escolarizadas. Tal fator refuta as hipóteses levantadas por Callou et alii (1998) que a queda do /R/ não está atrelado às classes sociais, neste caso, os mais escolarizados e os menos escolarizados.

Em concordância com as demais pesquisas, pôde-se concluir que o contexto mais favorável ao apagamento são os verbos, uma vez que os infinitivos, a primeira e terceira pessoa do futuro do subjuntivo serem marcados pela tonicidade e presença do r-final.

Em suma, as pesquisas de cunho variacionistas são de extrema importância na discussão de análise de fatores fonéticos/fonológicos da língua devido ao seu caráter quantitativo. As pesquisas sobre os róticos configuram como prósperas e importantes, uma vez que a dimensão dialetal brasileira é tão vasta e diversificada.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A distribuição dos róticos em coda silábica nos dados do Atlas Linguístico do Paraná – PR: um estudo geolinguístico*. In: XXIII ENCONTRO NACIONAL DA AMPLL. Produção do conhecimento em Letra e Linguística: identidade, impacto e visibilidade. Jul. 2008. Goiânia: Faculdade de Letras, 2008, p. 1-14.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto Caipira*. 3 ed. São Paulo: HUMITEC, Secretária da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

BISOL, LEDA (org.) (1999) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2ª Edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS.

CALLOU, Dinah et al. *O Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo*

aparente e em tempo real. *DELTA*. São Paulo, v.14, n. Especial, p. 61- 72, 1998.

CAMARA JR., Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de estudos pedagógicos - INEP. Ministério da educação e cultura, 1960, p. 192- 367.

MONARETTO, Valéria N. Oliveira. A vibrante pós vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudio (orgs). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 253-269.

OLIVEIRA, Marilucia Barros. *Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. Belém, 2001, 98p. Tese de doutoramento. Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Pará, Belém, 2001. Disponível em: http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/tese_marilucia. Acesso em 01 jan. de 2010.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALIB. *Questionários*. Londrina: EDUEL, 2001.

RODRIGUES, Edgar. *O Estado e sua História*. In: GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ. Disponível em: http://www4.ap.gov.br/Portal_Gea/historia/dadosestado-coloniza.htm. Acesso em 03 fev. 2010.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VOTRE, Sebastião Josué. *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. 1978. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

[1] Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Atualmente é professora contratada da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Porto Nacional. E-mail: greize_silva@yahoo.com.br

[2] Projeto interinstitucional sediado na Federal da Bahia cujo objetivo é a coleta e descrição da variante brasileira.

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.